



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – DH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JÉSSICA MARÍLIA DA SILVA SOUZA

**QUANDO A ELITE CAMPINENSE FESTEJOU A MOVIMENTAÇÃO DO 11 DE
OUTUBRO DE 1964**

CAMPINA GRANDE
2022

JÉSSICA MARÍLIA DA SILVA SOUZA

**QUANDO A ELITE CAMPINENSE FESTEJOU A MOVIMENTAÇÃO DO 11 DE
OUTUBRO DE 1964**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Allan K. Pereira

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729q Souza, Jessica Marília da Silva.
Quando a elite campinense festejou a movimentação do 11 de outubro de 1964 [manuscrito] / Jessica Marília da Silva Souza. - 2022.
21 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.
"Orientação : Prof. Dr. Allan Kardec Pereira, Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. Campina Grande - Paraíba. 2. Centenário. 3. Cidade. 4. Memória. I. Título

21. ed. CDD 981.33

JÉSSICA MARÍLIA DA SILVA SOUZA

QUANDO A ELITE CAMPINENSE FESTEJOU A MOVIMENTAÇÃO DO 11 DE
OUTUBRO DE 1964

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao departamento do Curso de História da
Universidade Estadual da Paraíba como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciada em História.

Aprovado em 22/11/2022

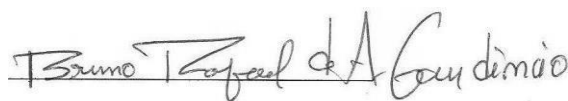
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Allan K. Pereira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Hilmaria Xavier Silva (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Bruno Gaudencio (Examinador)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Quem acredita sempre alcança.

(Renato Russo)

“Campina foi crescendo, crescer sempre foi seu lema, e hoje é Campina Grande, Rainha da Borborema.”

(Marinês)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diário da Borborema, 28 de outubro de 1964	10
Figura 2 - Diário da Borborema, 10 de julho de 1964.....	12
Figura 3 - Diário da Borborema, 11 de janeiro de 1964 p. 3 e 15 de janeiro de 1964, p. 1. ...	13
Figura 4 - Diário da Borborema, 3 de outubro de 1964, p. 7	14
Figura 5 - Retalhos históricos de Campina Grande.....	15
Figura 6 – Diário da Borborema, 13 de outubro de 1964, p. 1.....	16
Figura 7 - Diário da Borborema, 11 de outubro de 1964, p. 9	17
Figura 8 - Diário da Borborema, 11 de outubro de 1964, p. 7	18

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 CAMPINA GRANDE NOS TRILHOS DA MODERNIDADE	8
3 AS COMISSÕES E OS PREPARATIVOS PARA O ANIVERSÁRIO DA CIDADE CENTENÁRIA	9
4 NO ANO DO CENTENÁRIO TUDO TEM MAIOR ESPLENDOR.....	12
5 O GRANDE DIA CHEGOU.....	15
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	19

QUANDO A ELITE CAMPINENSE FESTEJOU A MOVIMENTAÇÃO DO 11 DE OUTUBRO DE 1964

Jéssica Marília da Silva Souza ¹

RESUMO

Este trabalho consiste em uma pesquisa acerca da festa de centenário da cidade de Campina Grande. Tem-se como objetivo principal analisar como esse evento ficou marcado na história em livros, versos e principalmente no imaginário daqueles que nela habitam. Ressalta-se a importância que essa movimentação teve para os moradores das mais diversas classes sociais e para os interesses da elite campinense junto com a administração local. O evento, posteriormente contribuiu para uma história muitas vezes imagética da cidade, o que colaborou para a criação de uma tradição por meio da repetição de símbolos que privilegiavam a elite e a administração local. Dessa forma, essa data marcada na história da cidade possibilita a população vivenciar um enredo imutável até os dias atuais.

Palavras-chaves: Campina Grande. Centenário. Cidade. Memória.

WHEN THE CAMPINENSE ELITE CELEBRATED THE MOVEMENT OF OCTOBER 11, 1964

ABSTRACT

This work consists in a research about the centenary party of the Campina Grande city. It has as main objective to analyze how this event has been recorded in the history in books, verses and mainly in the imaginary of those who inhabit it. It should be noted the importance that this movement had to the locals of several social classes and to the interests of the campinense elite along with the local administration. Subsequently, the event contributed to a history very often imagetical of the city, which collaborated for the creation of a tradition by the repetition of symbols that favored the elite and the local administration. In this way, this date in history of the city allows the population to experience an immutable story until nowadays.

Keywords: Campina Grande. Centenary. City. Memory.

1 INTRODUÇÃO

Campina Grande é uma cidade que, desde seus primórdios, é lembrada como sendo o berço de uma economia reconhecida a nível nacional. É assim que a cidade é descrita nos livros, nas músicas, nos versos e no imaginário popular, principalmente daqueles que ali habitam. Foi através do comércio local que a região ficou conhecida como a “*Liverpool* brasileira”; além de produzir, esta também exportava algodão, tornando-se a maior exportadora do país. Além disso, Campina Grande é lembrada como a cidade que não seria “grande” apenas pelo nome, mas por haver em seu destino a grandiosidade, recebendo diversos codinomes que assim a definem, como “Rainha da Borborema”, “Capital do Trabalho”, “Capital do Nordeste”, além de muitos

¹ Jéssica Marília da Silva Souza. Natural de Campina Grande é graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba.

símbolos e qualificações que ficariam presentes na memória. Como já ressaltava Michael Pollack, “[...] a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis [...]” (POLLAK, 1989, p. 9). Ao receber todos esses adjetivos, portanto, a região de Campina Grande buscava se desenvolver como uma cidade moderna, do futuro, da promessa de grandes realizações.

Dessa forma, podemos nos perguntar: quais memórias foram escolhidas para caracterizar a cidade de Campina Grande? É possível identificar que, nesse caso, estas seriam memória das elites e da administração local, desejosas de se associá-las com o desenvolvimento que a cidade teve em uma tentativa de, com isso, se perpetuar no poder. Logo, foram selecionados, em cada momento da sua história, elementos específicos com os quais poderia ser comprovado que “Campina era, de fato, Grande”.

O auge dessa concretização foi a festa do centenário da cidade, comemorado em 11 de outubro de 1964. Esse evento é prova de que, naquele movimento das elites campinenses, também foi escolhido o que deveria ser lembrado e o que deveria ser esquecido, contribuindo para a construção de uma história imagética, hegemônica e também para a criação de uma tradição, pois a cidade era constante e propositalmente lembrada por seus momentos de esplendor, e nunca por suas misérias. Como Eric Hobsbawm já chamava atenção, “[...] o objetivo e a característica das ‘tradições’, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição [...]”. (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 10). A festa do centenário de Campina Grande foi um dos eventos mais importantes para a história da cidade e, apesar de ser comemorado em 1964, foi cogitada nos anos que a antecediam. Além de reforçar a memória de uma época de desenvolvimento, este também viria a fechar um ciclo de sucesso, evocando, posteriormente, a memória da elite local. Nessa movimentação, enquanto uma parte da população – que fazia parte das classes mais baixas – permanecia ocupada com os atrativos oferecidos, aqueles que estavam no poder viam ali uma forma de concretizar e forjar determinada memória e representação. A classe alta e a administração estavam, então, presentes na busca por interesses, levando-nos a reforçar a pergunta feita por Regina Paula Silva da Silveira: “Campina Grande realmente é ‘grande’ ou nós que fomos educados a vê-la assim?” (SILVEIRA, 2016, p. 2).

2 CAMPINA GRANDE NOS TRILHOS DA MODERNIDADE

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 9).

Em seus estudos sobre as tradições, Erick Hobsbawm já chamava atenção para a repetição de símbolos e rituais para a construção de uma tradição inventada, e para que possamos entender sobre a movimentação que ocorreu no centenário de Campina Grande, é preciso identificar quais eram os símbolos, rituais e representações que as elites e a administração campinense buscavam ressaltar para se enaltecer e mostrar que Campina Grande é uma cidade que nasceu fadada ao crescimento devido ao seu processo de modernização.

De acordo com Epaminondas Câmara (1999) em “Alicerces de Campina Grande”, a Rainha da Borborema recebeu o título de cidade em 11 de outubro de 1864 com a Lei provincial nº 137. Desde então, esta recebeu várias e significativas mudanças que proporcionaram o desenvolvimento da cidade, porém, é necessário ressaltar que esse crescimento foi cogitado já no século XIX e colocado em prática, de forma materializada, nas primeiras décadas do século

XX, para que, desse modo, houvesse dados concretos para mostrar uma Campina que realmente fosse “Grande”. Em 2 de outubro de 1907, chegou a Campina Grande a “Maria Fumaça”, nome dado pela população ao primeiro trem que veio à cidade e que, segundo Giscard Farias Agra, foi o ponto de partida para que ela entrasse nos “trilhos do progresso” (AGRA, 2008). Com o trem, chegavam também correspondências, cartas, telegramas, jornais e revistas, bem como forasteiros e visitantes de outras cidades “mais adiantadas”, que “traziam na bagagem” ideias, conhecimento, experiências, notícias, tendências e novidades do mundo civilizado (AGRA, 2008, p. 36).

Em 1918 Campina Grande ganhou um serviço telefônico que possibilitava que os privilegiados experimentassem uma forma mais rápida de comunicação. Pode-se ainda destacar que a cidade obteve seu primeiro sistema de iluminação pública em 1920; já em 1926 foi implementado um serviço de bonde a gasolina. Campina Grande chegou a ter a maior economia estadual à época, alcançando o posto de maior produtora de algodão do país entre as décadas de 1910 e 1930.

Campina passa, a partir do início desse século, predominantemente entre as décadas de trinta e quarenta, por um processo de urbanização e modernização. São implantados serviços modernos como bonde, luz elétrica, escolas públicas e particulares, hospitais, calçamentos, esgoto, saneamento básico e outros serviços (CAVALCANTI, 2000, p. 68).

Assim como ocorreu em grandes centros urbanos do Brasil, em Campina Grande não foi diferente. Dentre os tantos processos de remodelação realizados, foi retirado do centro tudo que era considerado disforme e que poluía os seus ares. “Campina tem remodelada sua face, é maquiada para esconder as imperfeições, sejam físicas, morais ou estéticas [...]” (CAVALCANTI, 2000, p. 73). A partir disso, pretendendo transformar a Rainha da Borborema em uma cidade moderna, aqueles que faziam parte da administração local possibilitaram vários processos de reestruturação, sendo possível aqui citar o projeto de urbanização do prefeito Vergniaud Wanderley, mais conhecido como “o demolidor”, que promoveu uma “revolução” urbana na região, contribuindo principalmente para o alargamento das ruas.

Esses foram alguns entre diversas propostas de modernização e reformulação que a cidade passou. Dessa maneira, pode-se compreender que Campina Grande, desde seu surgimento, passou por grandes avanços, fazendo com que esta recebesse o título de “grandiosa”. O referido título, fruto de merecido destaque, foi peça fundamental para que a elite Campinense pudesse se promover diante da população local e de outras localidades, que posteriormente viriam até a Rainha da Borborema em busca de novas oportunidades de vida.

Esses símbolos de modernização atribuídos à cidade foi uma forma de enaltecê-la, com o objetivo de construir uma Campina Grande “civilizada”, europeizada, ou pelo menos forjá-la para ser dessa maneira. “Talvez daí advenha esse temperamento moderno e cosmopolita e essa ‘vontade danada de ser Nova York’. Se hoje deseja ser Nova York, um dia quis ser Paris com todo o seu esplendor, brilho e sedução.” (CAVALCANTI, 2000, p. 59). Foi com essa vontade de ser Paris que, segundo Silêde Leila, as cafetinas Carminha Vilar e Josepha Tributino encantavam as noites do Cassino Eldorado, o cabaré mais famoso entre norte e nordeste, inspirado nos existentes em Paris. E, com todas essas qualificações, Campina Grande continuava esbanjando modernidade e dando cartas para que a elite ganhasse esse jogo de poder.

3 AS COMISSÕES E OS PREPARATIVOS PARA O ANIVERSÁRIO DA CIDADE CENTENÁRIA

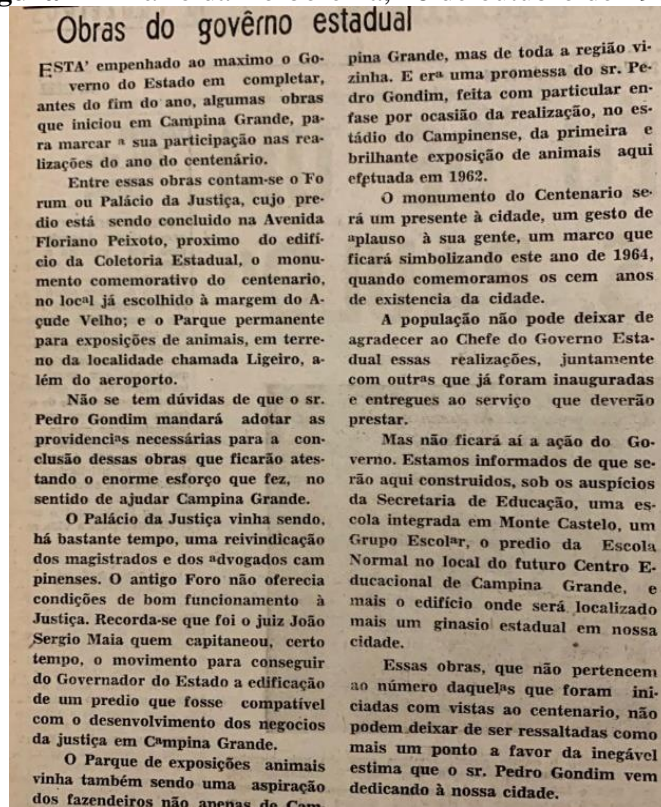
Agora que já é possível identificar quais símbolos e representações a elite campinense se embasou para mostrar que Campina Grande foi uma cidade que nasceu fadada ao crescimento e a se tornar “grandiosa”, é possível iniciar o debate sobre a movimentação do 11 de outubro de 1964, que, como ressaltado anteriormente, começou a ser pensada e preparada nos anos que a antecederam. Segundo Antonio Clarindo, a festa do Centenário da Cidade havia começado a ser programada desde 1961, quando foi criada pelo prefeito Severino Cabral uma “Comissão do Centenário” – COMCENT (SOUZA, 2004, p. 3).

Ainda no tocante quanto a cogitação do aniversário da cidade, havia na Rainha da Borborema, a “Cidade Centenária”, um programa de rádio exibido aos domingos que traziam como convidados alguns empresários, membros da elite campinense e alguns políticos que davam suas opiniões de como deveria ser a comemoração – entre eles estavam o prefeito Severino Cabral, o governador Pedro Goldin, além de Raimundo Asfora e Vital do Rêgo.

Desse modo, torna-se perceptível como a elite e a administração local estavam juntas em busca de interesses comuns, pois em nenhum momento foram chamados os membros das classes sociais mais baixas, não havendo a procura deles, nem sequer foram ouvidos. Assim como na Segunda Guerra Mundial, em que meios de comunicação, como o rádio, foram de extrema importância para enaltecer determinado lado, comovendo os ouvintes e possibilitando a criação de uma imagem positiva, em Campina Grande não foi diferente; na região agora citada, eles foram de extrema importância na divulgação da Data Magna, em que mais uma vez é possível perceber a tentativa de forjar determinada memória, pois os meios de comunicação não hesitavam em anunciar e explanar o quanto a cidade havia crescido e se desenvolvido em cem anos.

O Diário da Borborema, jornal do diário dos associados, fundado no dia 2 de outubro de 1957, também foi de grande importância na publicação de notícias durante esse período. A Figura 1 é uma página do Diário da Borborema, com notícias relevantes para a discursão que se segue.

Figura 1 - Diário da Borborema, 28 de outubro de 1964



Fonte: Diário da Borborema (1964).

Todavia, para que no dia 11 de outubro de 1964 a cidade estivesse preparada para tais realizações da movimentação e para comportá-la, foram propostas algumas reformas que viraram manchetes no Diário da Borborema, como consta na ilustração acima. Sendo assim, as obras propostas pelo governo do Estado previam:

A melhoria dos clubes sociais, a criação de escolas de alfabetização de adultos, a construção de um Pavilhão para abrigar as crianças abandonadas, a edificação da sede do Fórum de Justiça; a criação de um Parque de Exposição permanente de animais, além da reforma e instalação de parques com calçadas e alamedas para passeios às margens dos açudes velho e novo. Foram tantas as sugestões e solicitações que somente com as mudanças propostas daria para fazer uma cidade inteiramente nova. Algumas delas foram levadas a efeito, outras nunca saíram do papel (SOUZA, 2004, p. 3).

Logo, pode-se reafirmar que a movimentação do aniversário da cidade foi uma festa realizada pela elite para a elite, visto que o jogo de interesse se tornava cada vez mais nítido. O governador Pedro Goldin nomeou como novo chefe do COMCENT Noaldo Dantas, que era coordenador do programa de rádio “Cidade Centenária”. O objetivo do governador ao ajudar a prefeitura a realizar a festa era conseguir, através das diversas obras, a efetivação da candidatura de Vital do Rêgo nas eleições de 1963. Como destaca Joab Barbosa Aguiar: “Palco político desde a sua idealização, o centenário serviu de palanque eleitoral para diversas figuras.” (AGUIAR, 2014, p. 40).

O COMCENT, no entanto, não foi a única comissão criada, havendo ainda uma outra para cuidar apenas das questões culturais. A Comissão Cultural do Centenário (CCC), instituída em 1964 pelo prefeito Newton Rique, tinha como chefe o senhor Elpídio de Almeida, que era mais um membro da elite campinense. Esta tinha como objetivo tratar de questões como publicação de livros, organização de encontros literários e filosóficos, palestras, encontros de cantadores, repentistas, mostras de teatro, cinema, música e dança (SOUZA, 2008, p. 4). O próprio Elpídio de Almeida fez questão de escrever o livro “História de Campina Grande” a fim de presentear a cidade em seu centenário.

Impunha-se a elaboração deste [deste] trabalho, sem mira a prêmio ou ajuda oficial, como contribuição espontânea às festividades do 1º centenário da cidade, a comemorar-se em 11 de outubro de 1964. Como realizá-las com afeição e ufania sem um caderno descritivo do seu passado? Sem um depoimento exato sobre os homens que a fundaram? Sem uma narrativa dos principais sucessos ocorridos em seu território, desde o tempo da fundação da aldeia, velha de quase três séculos? Aparece essa publicação para evitar falha. (ALMEIDA, 1962, p.11).

O livro de Almeida foi um dos “presentes” que Campina Grande recebeu para o seu centenário, e como fazia parte da classe alta campinense, em seu livro ele não poderia deixar de ressaltar suas contribuições para a cidade, como destaca: “[...] teria que falar de pessoas vivas, falar de mim também, dirigente que fui do município em dois quadriênios.” (ALMEIDA, 1962, p. 12). Além do ex-prefeito, havia outros quatro membros: o deputado Raymundo Asfora, o médico Bezerra de Carvalho, o senhor José Elias Borges e a professora Lourdes Passos. A Comissão Cultural do Centenário também foi responsável pela publicação da revista campinense de cultura. O principal objetivo desta comissão era mostrar, para além do horizonte da serra da Borborema, algo da vida cultural da cidade, apresentando que o dinamismo cultural da urbe acompanhava o seu desenvolvimento econômico (AGUIAR, 2014, p. 77).

Essas comissões, que tinham como integrantes membros da elite e da administração, ao buscarem interesses em comum, acabaram se envolvendo em escândalos. Várias verbas foram destinadas para que a festa fosse realizada, mas, diante de uma grande quantidade de dinheiro envolvido, houve diversas acusações de corrupção por parte dos responsáveis pelos

preparativos, reforçando que os interesses pessoais da elite campinense constantemente se tornaram prioridade. Em sua pesquisa acerca do centenário de Campina Grande, Joab Barbosa Aguiar chama atenção para as manchetes do Diário da Borborema quando notícia que o Sr. Pedro Goldin comprara um carro no valor de doze milhões de cruzeiros e, no mesmo editorial, estava também noticiado que um posto de saúde, às margens do açude velho, havia fechado por falta de verbas. A COMCENT logo começou a ser criticada, pois mesmo com tanto dinheiro, este estava inoperante. Isso se tornava nítido nas páginas do citado jornal, que ora noticiava de forma entusiasmada sobre as festividades que estavam para chegar, ora destacava o descaso, de caráter público, que estava acontecendo na Rainha da Borborema, como apresenta a Figura 2.

Figura 2 - Diário da Borborema, 10 de julho de 1964



Fonte: Diário da Borborema (1964).

Sendo assim, podemos perceber que aqueles que estavam à frente dos preparativos tinham interesse em manipular as verbas recebidas, mesmo “prestando contas” para a população através do Diário da Borborema. A Comissão do Centenário (COMCENT) publicou o “Balancete de receitas e despesas do mês de dezembro de 1963” (DIÁRIO DA BORBOREMA, 1964, p. 7), e nele mostrava que os gastos destinados para a confecções de cartazes, construção e aparelhagem do edifício do fórum de Campina Grande, construção do parque permanente de exposição de animais, entre outros.

Contudo, parecia que a cidade não ficava longe dos escândalos por muito tempo. Figura importante na cidade, Newton Rique venceu as eleições municipais e se tornaria prefeito de Campina Grande durante quatro anos. Apoiado por partidos de esquerda, o prefeito foi alvo da “operação limpeza” e teve seu mandato cassado pela ditadura militar, o que resumiu sua gestão de 30 de novembro de 1963 até 15 de junho de 1964. Desse modo, entre um alvoroço e outro, faltando pouco mais de três meses para as festividades, Campina Grande ganharia um novo prefeito, o ex-militar João Jerônimo, que estaria agora à frente do cargo mais importante da cidade em um dos anos mais importantes da história.

4 NO ANO DO CENTENÁRIO TUDO TEM MAIOR ESPLENDOR

“Não é todo dia” que uma cidade completa cem anos, sendo assim, Campina Grande tinha motivos de sobra para comemorar, da melhor forma, essa data e fazer a população acreditar que, o acontecesse naquele ano, ficaria marcado na memória, até mesmo acontecimentos repetitivos, como carnaval, natal, torneio de futebol ou uma festa de debutante.

Jose Augusto de Lima já destacava que alguns acontecimentos, que possivelmente passariam despercebidos caso fossem celebrados em outro ano, por ocorrerem no “ano do centenário”, ganharam destaque, mais relevância (LIMA, 2017, p. 10).

No ano de 1964 foi criado um calendário comemorativo, sendo possível observar que as comemorações duraram o ano todo, tendo início no dia 1 de janeiro e extrapolando o dia 11 de outubro. Entre esses eventos, podemos destacar o carnaval do Centenário, o Torneio Centenário de Futebol, as “Debs do Centenário”, entre tantas outras comemorações que proporcionavam ao povo campinense entretenimento durante o ano todo, além de uma grande expectativa para o grande dia. As comemorações não ocorriam apenas ao ar livre, mas também nos salões dos clubes, como é o exemplo das comemorações do “Carnaval do Centenário” (Figura 3). As festividades aconteceram na AABB, que prometeu ser “o maior festejo carnavalesco já realizado em nossa cidade” (DIÁRIO DA BORBOREMA, 1964, p. 1). Recebendo bandas do sul e do sudeste do país, o evento – que teve duração do dia 23 de janeiro de 1964 até o dia 11 de fevereiro do mesmo ano – não foi acessível a todo público, pois se tratava de um evento pago.

Figura 3 - Diário da Borborema, 11 de janeiro de 1964 p. 3 e 15 de janeiro de 1964, p. 1.



Fonte: Diário da Borborema (1964).

No jornal Diário da Borborema sempre era reservada uma página para expor as belas meninas que se tornariam debutantes naquele ano tão inesquecível. Como mostra na ilustração abaixo (Figura 4), a jovem debutante era homenageada, além de serem descritas suas particularidades e gostos: “[...] já arquiteta planos para um bom futuro, e espera realizar-se intelectualmente, fazendo curso de Filosofia e suas tendências e aptidões farão com que ela se torne professora de História geral.” (DIÁRIO DA BORBOREMA, 1964, p. 7). Essa afirmação estava junto com a imagem da jovem Maria de Fatima Araújo Vasconcelos, uma das “Debs do Centenário”.

Figura 4 - Diário da Borborema, 3 de outubro de 1964, p. 7



Fonte: Diário da Borborema (1964).

Pensando no setor esportivo, foi criado pela COMCENT o Torneio do Centenário, realizado entre os dias 08 e 15 de março nos estádios Presidente Vargas e no Plínio Lemos, em que participaram as maiores equipes de futebol do nordeste. Nesse período, quem estava à frente da COMCENT era Vital do Rêgo, e a comissão já se mostrava com um *déficit* significativo em relação às verbas destinadas às comemorações, o que vinha impossibilitando a realização de alguns eventos que estavam impostos no calendário do centenário. Por esse motivo, o professor e colunista do Diário da Borborema, Stênio Lopes, foi um dos que recusaram fazer parte da presidência, afirmando não haver mais verbas para a existência da comissão e que, se nomeado presidente, dirigir-se-ia até o governador Pedro Goldin propondo a extinção do órgão; apesar disso, o campeonato obteve êxito e aconteceu conforme o esperado.

Além das festividades que ganharam maior relevância, uma música produzida naquela data também ganharia destaque, pois esta possibilita o estímulo de valores da sociedade em questão, e seria uma forma de fixar a grandeza que o centenário trouxe para a região. Foi assim que surgiu o “LP Centenário de Campina Grande”, com músicas cantadas na voz de Marinês e do Cantor Luiz Gonzaga, ver Figura 5.

Figura 5 - Retalhos históricos de Campina Grande



Fonte: Forró em Vinil (2012).

5 O GRANDE DIA CHEGOU

A cidade despertara ao som de dobrados executados por várias bandas de música e sob o espocar de foguetões. Aproximadamente 10 mil visitantes, vindos de toda parte, prestigiaram o centenário da cidade, cujo brilhantismo excedeu, em muito, as expectativas. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 1964, p. 1).

A Rainha da Borborema amanhecia centenária. Não apenas seus habitantes acordavam entusiasmados, mas também os aproximadamente 10 mil visitantes que vinham de outras cidades do nordeste, como João Pessoa e Recife, para prestigiar o grande evento e participar das festividades propostas no calendário do centenário. Campina Grande se tornava uma cidade símbolo de prosperidade, harmonia e modernidade. Foi assim que o poderio campinense a forjou desde 1961, quando começaram os preparativos para a movimentação.

Naquele dia, as pessoas comuns saíram de suas rotinas e, mesmo que uma parte das verbas destinadas para a festa do centenário houvesse sido desviada dos cofres públicos, aparentemente ninguém estava preocupado em saber, pois estavam participando de um momento único em que poderiam festejar, reacender o comércio com os vendedores ambulantes vendendo mais que em dias comuns e os funcionários poderiam sair mais cedo do trabalho. Ali estava uma nuvem de fumaça que pode ser comparada com a política do Pão e Circo, em que a corrupção era disfarçada por atrativos voltados para a população, uma forma de “desviar os olhares”.

“Mas a cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos.” (PESAVENTO, 2007, p. 14). Dessa forma, tornava-se cada vez mais nítido que a festa do centenário da cidade teve uma representação diferente para cada setor da população, e a cada festejo é possível destacar os momentos em que a elite tinha lugar de destaque, com símbolos que poderiam marcar sua memória para a posteridade. Um deles foi o desfile cívico, como mostrado na ilustração abaixo, que aconteceu na avenida Floriano Peixoto, onde várias escolas puderam escolher um tema sobre o passado glorioso da região para

“esbanjar orgulho” durante suas apresentações, as quais ressaltavam a cidade e seus momentos de esplendor.

Durante as comemorações do desfile, havia um palanque que separava, por cordas, um lugar para a alta classe e um para as classes médias e baixa, constatando-se que havia um protocolo e que fora separado os que eram atores daqueles que eram espectadores naquela movimentação (ver Figura 6).

Figura 6 – Diário da Borborema, 13 de outubro de 1964, p. 1



Fonte: Diário da Borborema (1964).

O Ginásio 11 de outubro – nome dado como homenagem à cidade – teve como tema do seu desfile “Os Índigenas Campinenses”, que ressaltava os índios Ariús, esses trazidos pelo capitão-mor Teodósio de Oliveira Ledo e que deram origem ao aldeamento que se tornou vila e, posteriormente, cidade. “Ao descrever o tema, os alunos não fizeram nenhuma alusão ao fato de terem sido os índios aldeados à força pelo Sr. Teodósio de Oliveira Ledo, e que naquele dia histórico, por haverem sido todos dizimados, não existia mais nenhum remanescente para representar a sua tribo.” (SOUZA, 2004, p. 11). Isso ressalta o fato de que sempre eram ressaltados os momentos gloriosos do passado campinense mesmo que sejam ocultados os fatos posteriores, concretizando que houve a criação de uma tradição a qual Eric Hobsbawm já destacava, uma tradição inventada através de um passado com a repetição de símbolos e rituais; dessa forma, percebe-se que a memória contribui para essa construção pois, ao ser escolhida a memória da elite campinense para representar a cidade, assegura-se a permanência desses grupos no poder, visto que a “[...] memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder [...]” (LE GOFF, 2012, p. 456).

Outra atração presente no calendário era o parque de diversões *Cooney Islandy*, que veio de Recife para divertir principalmente os pequeninos campinenses no Dia das Crianças e durante todo o mês, ver Figura 7.

Figura 7 - Diário da Borborema, 11 de outubro de 1964, p. 9

GOVERNO DO ESTADO		
Programação sob nosso patrocínio, no		
PARQUE DE DIVERSÕES		
Dia 12 de outubro — 2a. feira		
Casa dr. João Moura	manhã	125 crianças
Casa Felix Araújo	manhã	125 crianças
Escola José Amorim	manhã	300 crianças
Escola dos Marchantes	manhã	200 crianças
Escola 29 de Julho	manhã	300 crianças
Escola Padre Ibiapina	manhã	25 crianças
Cruzada Eucarística	tarde	1.500 crianças
Dia 13 de outubro — 3a. feira		
Externato São José	manhã e tarde	1.000 crianças
Nossa Senhora da Salete	tarde	60 crianças
Santo Afonso	manhã	125 crianças
Grupo Santo Antônio	manhã e tarde	400 crianças
Instituto Pax	manhã e tarde	290 crianças
Círculo Operário	manhã e tarde	500 crianças
Grupo Dr. Chateaubriand	manhã e tarde	700 crianças
Escola Pequeno Jornaleiro	tarde	36 crianças
Dia 14 de outubro — 4a. feira		
Grupo Solon de Lucena	manhã e tarde	440 crianças
Grupo Clementino Procopio	manhã e tarde	319 crianças
Grupo Murilo Braga	manhã e tarde	325 crianças
Grupo Antonio Vicente	manhã e tarde	350 crianças
Instituto Nossa Senhora Aparecida	manhã e tarde	280 crianças
Instituto Pio XII	tarde	140 crianças
Conjunto São Sebastião	manhã e tarde	380 crianças
Colégio das Damas	manhã	400 crianças
Escola Menino Jesus	tarde	150 crianças
Grupo Mons. Sales (Tambor)	tarde	200 crianças
Santa Rita de Cássia	manhã e tarde	240 crianças
Instituto Brasil	tarde	60 crianças
Dia 15 de outubro — 5a. feira		
Dia do Professor — Programação em homenagem a todos os professores		
Dia 16 de outubro — 6a. feira		
Instituto Domingos Sávio	manhã e tarde	326 crianças
Escola Sagrado Coração	manhã e tarde	320 crianças
Instituto São Bento	tarde	100 crianças
Grupo Duque de Caxias	manhã e tarde	622 crianças
Grupo Melo Leitão	manhã e tarde	650 crianças
Grupo Felix Araújo	manhã e tarde	520 crianças
Grupo Anísio Teixeira	manhã e tarde	700 crianças
Escola Apolonia Amorim	manhã e tarde	220 crianças
Dias 17 e 18 de outubro — Sábado e Domingo		
Homenagem aos Militares e suas famílias — Exército e Polícia Militar		
Dia 19 de Outubro — 2a. feira		
Grupo Nossa Senhora do Rosário	manhã e tarde	250 crianças
Grupo Augusto dos Anjos	manhã e tarde	250 crianças
Grupo do SESI	manhã e tarde	300 crianças
Instituto Jerônimo Queiros	manhã e tarde	270 crianças
Escola Monte Carmelo	manhã e tarde	213 crianças
Escola Humberto de Campos	tarde	60 crianças
Colégio Pio XI	tarde	500 alunos
Colégio das Lourdinias	manhã e tarde	350 alunos
Colégio Alfredo Dantas	manhã e tarde	350 alunos
Jardim da Infância Mesquita	manhã e tarde	60 alunos
Instituto Santa Helena	manhã	60 alunos
S E N A I	tarde	250 alunos
Dias 20 e 21 — 3a. e 4a. feiras		
Todos os secundaristas de todos os colégios da cidade — manhã, tarde e noite		
Dias 29 e 30 — 2a. e 3a. feiras		
Operários campinenses e suas famílias.		
Esta programação foi elaborada em reunião dos diretores de educandários grupos escolares, direção do Parque de Diversões, representantes do Estado e do Município.		
DEPUTADO VITAL DO REGO Coordenador.		

Fonte: Diário da Borborema (1964).

Fazendo parte do festival popular, o parque ficou instalado na Avenida Brasília, e por uma iniciativa do deputado Vital do Rêgo e do governador do estado, as escolas poderiam usufruir de forma gratuita dos brinquedos, como consta na ilustração: “programa sob nosso patrocínio, no Parque de diversões.” Era o momento de as crianças menos favorecidas aproveitarem de um recurso que, em outro momento, não fosse acessível a elas. A administração local favorecia, a todo instante, um meio de entretenimento para a população campinense: quanto mais ocupadas e distraídas as pessoas estivessem, mais os escândalos políticos eram mascarados. Logo, os campinenses, momentaneamente irmanados, vibraram com os festejos, deixando de lado os problemas que quase atrapalharam as promoções dos cem anos da cidade (SOUZA, 2004, p. 11).

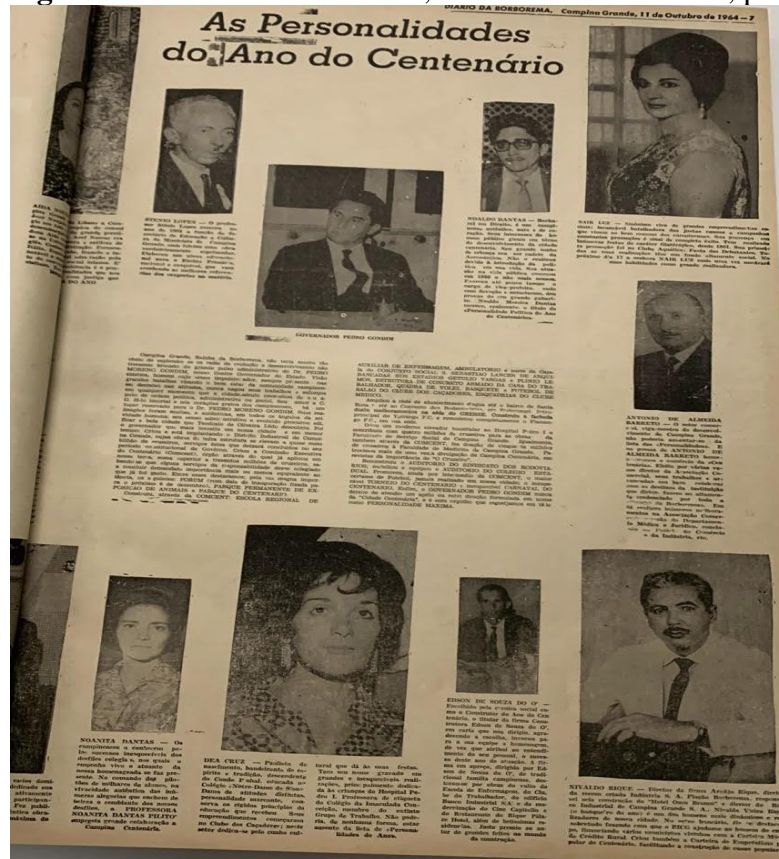
Nas comemorações que aconteciam nos clubes campinenses como AABB, Clube dos Caçadores, Clube médico Campestre, entre outros, o “espocar de foguetões” dava lugar ao “abrir dos champanhes” daqueles que faziam parte da elite e habitavam os melhores bairros da cidade. Toda a população festejava nas suas condições, sejam nos atrativos gratuitos ou nos pagos e restritos. Durante todo o dia 11 de outubro de 1964, a cidade estava reluzente, recebendo constantes felicitações com mensagens de elogios.

Campina Grande! Com a efusão de quem te deve os momentos culminantes de sua vida, saúdo em ti, Cidade Centenária, não apenas o vertiginoso progresso material que justifica, a esta altura, a tua projeção invulgar no cenário econômico da região nordestina, mas também, e sobretudo, a grandeza espiritual do teu povo generoso e altivo, e que o faz herdeiro autêntico desses indômitos pioneiros que, semeando vilas

e povoados e erigindo capelas nas solidões imensas do território desbravado, construíram, à sombra da cruz, os alicerces imperecíveis da grande Pátria brasileira. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 1964, p. 12).

As felicitações dadas por Plínio Lemos mostram mais uma vez a “grandeza” que a Rainha da Borborema se mostrava no imaginário popular, sempre sendo ressaltado algum resquício de um passado glorioso. O fato é que não só Campina Grande é ressaltada como protagonista, mas, como já fora ressaltado ao longo de todo o estudo, as elites e a administração também se faziam presente como grande mediadora para que a movimentação acontecesse (Figura 8).

Figura 8 - Diário da Borborema, 11 de outubro de 1964, p. 7



Fonte: Diário de Borborema (1964).

Na presente ilustração alguns nomes aparecem como “as personalidades do ano”, podendo destacar as três primeiras imagens, constando o professor Stênio Lopes, em seguida o governador Pedro Goldin e, a seu lado, Noaldo Dantas, que foram citados ao longo da pesquisa, assim como tantos outros vistos como verdadeiros protagonistas das festa do centenário da cidade – os que souberam aproveitar cada momento e detalhe dessa movimentação, seja para o próprio benefício, suprimindo seus interesses pessoais, seja para saírem vitoriosos desse jogo de poder, em que puderam se promover e perpetuar na história da cidade. Portanto, ao anoitecer do dia 11 de outubro de 1964, o “Dia da cidade”, comemorado pela primeira vez em 1961, estava para encerrar; a partir de então, novos nomes estariam eternizados na história da cidade, bem como o sentimento de pertencimento e orgulho do povo campinense. Naquele dia, apesar das inúmeras diferenças sociais que marcavam a sociedade campinense, a cidade (quase) pertenceu a todos (SOUZA, 2004, p. 15).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se, portanto, que a festa do centenário de Campina Grande, intitulada neste trabalho como “movimentação”, consistiu na realização de vários eventos com o objetivo de fechar um ciclo de desenvolvimento, destacando o quanto a cidade havia crescido e se desenvolvido em cem anos, atribuindo os processo de modernização e remodelação a determinadas figuras com o objetivo de forjar uma memória, o que contribuiu para a criação de uma história imagética da cidade através da repetição de símbolos e qualificações que concretizou a construção de uma tradição inventada, em que a elite e a administração local eram peças fundamentais nesse jogo de poder.

A abordagem feita em relação a essa movimentação também nos mostra que houve a construção de uma história hegemônica, pois ao ser ressaltada a memória de um grupo, a de outro foi automaticamente anulada, e ao ser escolhida a memória da classe alta local para representar a cidade de Campina Grande, os verdadeiros protagonistas da sua história foram esquecidos.

Assim, Campina Grande, a partir desse evento, passa a vivenciar um enredo imutável, com a justificativa de manter o conto de que o seu *status* de “cidade moderna e desenvolvida” ocorrera de forma natural, como se esta já houvesse nascido predestinada a ser grandiosa.

Nesse sentido, podemos dizer que o objetivo de forjar uma memória em que Campina Grande é ressaltada como cidade símbolo foi efetivada, visto que ela ainda é lembrada por seus momentos de esplendor. Todos os anos na Rainha da Borborema, no dia 11 de outubro, é reservado um momento através dos meios de comunicação e das mídias sociais para enaltecer e mostrar que a cidade continua vivenciando a magnitude de um passado glorioso, fazendo com que os campinenses se orgulhem de suas origens, contudo, como compreendido e destacado neste trabalho, foi exatamente dessa forma que os cidadãos campinenses foram educados a vê-la.

REFERÊNCIAS

AGRA, Giscard Farias. **Modernidade aos goles**: a produção de uma sensibilidade moderna em Campina Grande, 1904 a 1935. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

AGUIAR, Joab Barbosa. **Uma festa para a Rainha da Borborema**: o centenário de Campina Grande (1960-1964). 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, 2014.

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1962.

CÂMARA, Epaminondas. **Os Alicerces de Campina Grande**: Esboço Histórico-Social do Povoado e da Vila (1697 a 1864). 3 ed. Local: Campina Grande Edições Caravela, 1999.

CAVALCANTI, Silêde Leila Oliveira. Campina Grande De(fl)vorada por forasteiros: passagem de Campina Patriarcal a Campina burguesa. In: GURJÃO, Eliete de Queiroz (Org.). **Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande**. Campina Grande: Ed. PMCG, 2000.

DIÁRIO DA BORBOREMA. **Diário da Borborema**. Campina Grande: Diário da Borborema, 1964.

FORRÓ EM VINIL. Retalhos históricos de Campina Grande. 1 figura. Forró em Vinil: [s. l.], 2012. Disponível em: <https://www.forroemvinil.com/compactos/marines-e-luiz-gonzaga-centenario-de-campina-grande-compacto-duplo/>. Acesso em: 16 nov. 2022.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão *et al.* 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

LIMA, José Augusto de. **Campina grande centenária e sesquicentenária: falas e imagens em dois tempos distintos**. 2017. TCC (Licenciatura em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Revista Brasileira de História. **Rev. Bras. Hist.**, Rio Grande do Sul, v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SILVEIRA, Regina Paula Silva da. História de Campina Grande forjando a memória local: Elpídio de Almeida e sua representação da cidade. **ANPUH**, Rio Grande do Norte, p. 1-13, 2016. Disponível em: <https://www.rn.anpuh.org/2016/assets/downloads/veeh/ST06/Historia%20de%20Campina%20Grande%20forjando%20a%20memoria%20local%20Elpidio%20de%20Almeida%20e%20sua%20representacao%20da%20cidade.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2022.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. A festa do centenário de Campina Grande ou a criação de uma identidade coletiva. **Memória e História**, Pernambuco, p. 2-15, 2004. Disponível em: <http://eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/pe/anais/encontro5/10-hist-cidade/Artigo%20de%20Antonio%20Clarindo%20B%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2022.

Jornais consultados: Diário da Borborema, 1964. Acervo Átila de Almeida.

AGRADECIMENTOS

Ao chegar ao final desse ciclo, posso afirmar que gratidão é o sentimento que me define. A realização de um sonho não é fácil, precisamos de sabedoria e humildade para reconhecermos que nenhuma conquista é possível quando estamos sozinhos, por isso, agradeço primeiramente a Deus por ser essa força que me move diariamente. Gratidão também a minha família, principalmente a minha mãe, Patrícia, e ao meu pai, Adeildo, que sempre me apoiaram e acreditaram na minha capacidade; essa conquista é nossa. Agradeço ainda ao meu orientador e a todos os professores que desempenharam seus papéis com maestria; lembrarei sempre de todos.